

Trata-se de uma excelente obra de que muito poderão beneficiar os estudiosos nas suas pesquisas relativamente ao idioma que Ricci e os seus companheiros aprenderam e usaram para comunicar.

Manuel Augusto Rodrigues

Universidade de Coimbra e Centro de História da Sociedade e da Cultura da UC.

mrodrigues@ci.uc.pt

RICCI, Matteo – *Dell'Amicizia*, por Filippo Mignini, 1.^a ed., Macerata: Quodlibet, 2005; 2.^a ed., 2010, 216 p.

A Mignini, bom conhecedor de M. Ricci, deve-se a feliz ideia de dar à estampa este famoso tratado do grande padre jesuíta no âmbito do centenário da sua morte. O livro, impresso em chinês no ano de 1595, na cidade de Nanchang, com o título *Jiaoyou lun*, teve várias edições e foi incluído na grande enciclopédia chinesa *Gujin tushu jicheng* em 1726. Os diversos estudos sobre este tratado em chinês e noutras línguas revelam a importância de que se reveste.

A reconstrução da actividade de Ricci na China baseia-se fundamentalmente nas suas obras: *Della entrata della Compagnia di Giesù e Christianità nella Cina*, sob a direcção de P. Corradini, elaborada por M. Del Gatto, com prefácio de F. Mignini, Macerata, 2000; *Lettere (1580-1609)*, direcção de P. Corradini, realizada por F. D'Arelli, prefácio de F. Mignini, com um estudo de S. Bozzola, Macerata, 2001. Mas convém ter presente *Fonti Ricciane: documenti originali concernenti Matteo Ricci e la storia delle prime relazioni tra l'Europa e la Cina (1579-1615)*, edição e comentário do P. D'Elia, sob o patrocínio da Real Academia de Itália (Edição nacional das obras publicadas e inéditas de Matteo Ricci), 3 vols., Roma, 1942-1949 (I. *Storia dell'introduzione del Cristianesimo in Cina: da Macerata a Nanciam (1582-1597)*, libri 1-3; II. *Storia dell'introduzione del Cristianesimo in Cina: da Nanciam a Pechino (1597-1611)*, libri 4-5; III. *Appendici e indici*); e *Opere storiche del P. Matteo Ricci S. I.*, edição de do "Comitato per le onoranze nazionali", com prolegómenos, notas e tabelas

do P. Tacchi Venturi S. I., 2 vols., Macerata, 1911-1913 (I. *I Commentarij della Cina*, a partir do autógrafo de Matteo Ricci; II. *Le lettere dalla Cina, 1580-1610*, com apêndices de documentos inéditos).

Para compreender as circunstâncias da composição do *Tratado da Amizade*, a sua difusão e o acolhimento que teve, nada melhor do que recorrer ao próêmio e à conclusão do próprio trabalho e também às informações da obra histórica *Della entrata della Compagnia di Giesù...e das Lettere*.

No *Della entrata...*, Ricci diz que em Junho de 1595 chegou a Nachang e que aqui manteve relações de amizade com dois dignitários que tinham o título de rei embora sem terem reinos. Ricci fala de dois livros que, entre os outros dons oferecidos, agradaram particularmente ao rei de Jian, chamado Zhu Duojie. O primeiro era uma *Descrição de todo o mundo universal*, um atlas europeu com explicações em chinês elaboradas pelo próprio Ricci. «O outro foi um tratado *De amicitia*, no qual, fingindo que esse rei perguntou ao padre o que sentiam na Europa acerca da amizade com um modo de diálogo, e o padre lhe respondeu com tudo quanto pôde recolher dos nossos filósofos, santos e todos ao autores antigos e modernos; e fez uma obra que até agora causa admiração em todos este reino. Neste livro estava escrito com a nossa letra e na sua para tornar o livro mais vago; mas depois foi impresso só em letra chinesa...; e depois foi também impressa em Pequim, Cechiano, e noutras províncias e sempre com grande aplauso dos literatos».

Relativamente à questão das fontes e do método seguido, Ricci diz que recolheu «tudo quanto pôde» do tesouro da cultura ocidental, do património dos autores antigos e modernos, leigos e religiosos. Na *Carta 36* observa que por vezes adaptou o texto. Diz que compôs o trabalho apenas em alguns dias, “na solidão”, recolhendo tudo quanto tinha ouvido desde criança.

D’Elia diz que a fonte principal da qual extraiu três quartos das suas 100 sentenças a obra de André de Resende (Andreas Eborensis), *Sententiae et Exempla ex probatissimis quibusque scriptoribus collecta et per locos communes digesta per Andream Eborensem Lusitanum, et, ne oneroso volumine gravaretur lectos, totum opus in duos divisum est tomos, quorum alter Sententiae, alter Exempla refert, Parisiis, apud Nicolaum NiveLlium, 1590; no mesmo ano, também em Paris, saiu outra edição apud Stephanum Valletum, sub Bibliis Aureis e regione Collegii Rhemensis*. Mas já entre 1569 e 1590 houve pelo menos oito edições feitas em Coimbra, Veneza, Paris e

Leiden. Há ainda as de Veneza de 1593 e de 1621. Filippo Mignini apoia a tese de D'Elia segundo a qual teria sido André de Resende a sua fonte principal.

Mas há autores que chamam a atenção para o facto de muitas das sentenças fazerem parte do legado clássico que sobreviveu mesmo na memória das pessoas. Yong Lien-Dehergne em *Textes et Documents. Le Traité de l'Amitié de Matthieu Ricci*, p. 578, fala de uma carta de de H. Verhaeren, bibliotecário da biblioteca da Igreja do Norte (Beitang) de Pequim, que pertencia aos jesuítas, na qual havia sido recolhida a antiga biblioteca dos jesuítas, em que se refere a diversos livros antigos nos quais Ricci se teria podido inspirar: o *Adagiorum opus* de Erasmo, Basileia, 1526, e os *Apophtegmata*, Lião, 1548; o *Adagiorum opus* de P. Vergili, Basileia, 1550; a *Epitome sententiarum* de J. Stobaeus, Basileia, 1557 o *Volumen Sententiarum* de S. Bellengardus, Lião, 1559; os *Facietiarum exemplorumque libri VII* de L. Domizio Brusoni, Basileia, 1559; a *Morum philosophia Poética* de T. Zwinger, Basileia, 1575, a as suas *Sententiae*, Zurique, 1559; os *Apoftegmmi* de Plutarco, Veneza, 1566; as *Gravissimorum et praestantissimorum auctorum sententiae* de A. Jiannini, Florença, 1575; os *Adagia* de P. Manuzio, Florença, 1575, e Veneza, 1585. A estes podemos acrescentar *Ethicorum opus* de Aristóteles, Paris, 1517; os *Philosophica* de Cícero, Paris, 1573 (que incluem o *De amicitia*); os *Factorum et dictorum memorabilium libri novem* de Valerio Massimo, Veneza, 1565; os *Dicta preciosa sive loci communes ex omnibus fere doctoribus*, Veneza, 1566; as *Marci Tullii Ciceronis, Demostenis, Isocratis necnon aliorum veterum oratorum, phiolosophorum et poetarum sententiae insigniores*. Recomenda-se a consulta do *Catalogue de la Bibliothèque du Pe-t'ang (Beitang)*, tipografia dos Lazaristas, Pequim, 1949.

Entre os autores gregos citados domina Plutarco, seguido de Aristóteles e Diógenes Laércio; entre os latinos, sobressai Cícero, vindo depois Séneca e outros mais; dos cristãos, são principalmente Santo Agostinho e Santo Ambrósio. Pode dizer-se que é toda a sabedoria clássica ocidental que transparece nesta obra. Também o eco da literatura bíblica ressoa ao longo do livro.

Relativamente às fontes chinesas, em especial os clássicos confucianos, há que dizer que a pretensão de Ricci era mostrar o legado ocidental. Mas constatamos que existe também um fundo chinês nas sentenças, no estilo, no

modo e no gosto como “o mestre ocidental” apresenta a amizade na Europa. Por outro lado, verifica-se a semelhança entre as máximas orientais e as ocidentais. Ricci já tinha estudado os *Quatro Livros* e as *Cinco Doutrinas* e sabia de cor muitos pensamentos. No *O Invariável Meio*, um dos quatro livros de Confúcio, a relação da amizade é considerada um dos cinco deveres fundamentais sob o céu. Nos *Diálogos* recomenda-se a sinceridade entre os amigos e ensina-se que uma sólida amizade só se pode intuir através de homens semelhantes na virtude: «Não há amigos que não sejam semelhantes ao próprio». Ou: «Confúcio disse: “Considerai essenciais a lealdade e a sinceridade. Não estendais a amizade a quem não é semelhante a vós. Quando errais não temais corrigir-vos».

Os núcleos temáticos da amizade não são apresentados por ordem lógica. A sua essência consiste em sentir o amigo como um outro igual e o seu fim é a satisfação das necessidades e a mútua ajuda (espiritual e material), ou seja, a construção da sociedade. O benefício supremo da amizade é o aumento da alegria e do poder humano. O seu fundamento é a virtude, entendida como obediência à razão e amor da justiça. As suas propriedades são a sinceridade, a fidelidade, o desinteresse, a partilha e a defesa da amizade que é, em conclusão, o instrumento de comunicação entre a Europa e a China. Lembre-se que Ricci teve muitos amigos chineses que com os quais conviveu bastante.

O livro divide-se em quatro partes: a reprodução fotográfica da edição de Pequim de 1601 por ordem de Feng Yingiling que escreveu o prefácio acompanhado de nova tradução italiana anotada; a resposta de Ricci ao rei Chiengan Chienzai acerca da amizade com o autógrafo da *Amizade* em italiano, Nanchang de 1595-1599, texto este que foi preparado por Laura Nuvoloni; a resposta de Matteo Ricci dirigida ao rei Chiengan Chienzai acerca da amizade, traduzida do para italiano pelo mesmo Ricci (apógrafo da *Amizade* em italiano, sem data); e Xiyu Ligong Youlun Xu de Qu Taisu que é o prefácio à *Amizade* do “Senhor Ricci dos Grandes Países Ocidentais”, nova tradução anotada (não se conhecem exemplares da obra).

As notas às sentenças são um valioso contributo de F. Mignini. Fornece as fontes de que se serviu Ricci com a indicação dos autores e dos textos respectivos. Vejamos dois exemplos de André de Resende: nº 4 (5): «O filho deve suceder ao pai tanto no património hereditário como na

amizade» (*Filius sicut in substantia derelicta, ita in paterna amicitia succedere debet*); n.º 11 (12): «É consolador contemplar o rosto de uma pessoa que nos quer bem não só quando estamos aflitos, mas quer na boa quer na má sorte a amizade vem em nosso auxílio acrescentando alegria e felicidade às coisas boas e não menos retirando desapontamento e desconforto às que são más» (*Non afflictio tantum dulce est vultum intueri viri benevolentis, verum in utraque fortuna praesto est amicitia, non minus voluptatem et gratiam addens bonis quam malis molestiam adimens et desperationem*). Em ambos os casos encontramos um eco remoto destes pensamentos em Plutarco e em Aristóteles.

Este rico trabalho encerra com o índice das fontes referidas nas notas às sentenças, a bibliografia (obras de Ricci, edições das obras riccianas, estudos relativos à amizade e sobre Matteo Ricci), o elenco dos caracteres chineses e o índice dos nomes.

Manuel Augusto Rodrigues

Universidade de Coimbra e Centro de História da Sociedade e da Cultura da UC.
mrodrigues@ci.uc.pt

XAVIER, Ângela Barreto – *A Invenção de Goa, Poder Imperial e Conversões Culturais nos séculos XVI e XVII*. Lisboa: ICS. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 2008, 498 p.

O livro apresenta novos paradigmas sobre os conceitos de colonizador e colonizado e da territorialização do poder imperial. As interpretações propostas, assentes numa antropologia social, dão relevância às tensões provocadas entre o colonizador e o colonizado, à conjugação entre os poderes político e religioso, aos agentes laicos e eclesiásticos e à sua interação com as populações locais, aspectos que possibilitaram perpetuar o poder imperial durante os séculos XVI e XVII.

No primeiro capítulo é dado realce à política de disciplinamento. Surge um novo padrão da territorialização do império, valorizando-se um discurso de identidade nos novos territórios, aparecendo assim o modelo transposto do reino para o ultramar resultado da acção governativa de